

## AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE SAVIANE, VYGOTSKY, BANDURA E WALLON PARA A COMPREENSÃO DA INFÂNCIA E DA CULTURA.

**Janusa Adriana Maciel da Cruz**

Universidade Federal do Pará – UFPA, [janusacruz@hotmail.com](mailto:janusacruz@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho teve como objetivo definir a concepção de infância e cultura a partir de autores que dedicaram suas obras ao estudo do universo infantil. Descrevendo o modo de lidar com a infância em algumas sociedades como as sociedades agrícolas; clássicas e contemporânea. Para atingir os objetivos proposto, utilizamos a pesquisa bibliográfica, na qual se apoiou em estudos de: Saviani (2013), Vygotsky, Bandura (2008) e Wallon (2005). Desta forma, considera-se relevante discutir o tema em questão nos cursos de formação de professores, dada a importância da infância para as crianças. Os achados da pesquisa revelam que a infância é construída social, historicamente e culturalmente, pois não há um modo único de conceber a infância.

**Palavras-Chave:** Infância, cultura, sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

A história da infância e sua concepção como tal passaram por um minucioso trabalho de “colchas de retalho”, uma vez que, a concepção de infância é uma construção histórica com imensas lacunas, sendo esta construída culturalmente pelas diversas sociedades. Desta maneira, todas as sociedades em diferentes lugares e com seus diferentes costumes construíram uma concepção de infância e se relacionaram com as crianças a sua maneira, sendo a cultura um fator importante nessa construção.

Autores como Saviani (Humanização); Vygotsky (Vivência e Humanização); Bandura (Modelação) e Wallon (Afetividade) discursaram sobre a infância e suas características, nos ajudando a compreender essa fase da vida humana, que dependendo do tipo de sociedade e as práticas culturais nela enraizadas tem um início, meio e fim. Assim, pode-se dizer que todos os indivíduos passam pela infância, mas nem todos tem infância? Mas o que seria infância? O que a cultura tem a ver com isso?

O consenso que se tem sobre a infância humana é que ela tem um longo período de fragilidade se comparada às demais espécies. Necessitando de cuidado e instruções dos adultos para sua sobrevivência e controlar suas emoções. Geralmente é caracterizada pela presença persistente da imaturidade; espontaneidade e fantasia.

Então, busca-se nesse trabalho definir a concepção de infância e cultura a partir de autores que dedicaram suas obras ao estudo do universo infantil. Descrevendo o modo de lidar com a infância em algumas sociedades como as sociedades agrícolas; clássicas e contemporânea.

### **DESENVOLVIMENTO**

A infância é uma importante fase do desenvolvimento humano, e a maioria dos adultos tem uma concepção construída sobre ela e a caracteriza com aspectos como: a fase da inocência; da fantasia e/ou da espontaneidade. Mais que adjetivos, saber como se construiu o conceito de infância que conhecemos hoje, é revisitar a história das sociedades em diferentes épocas e seus modos de viver.

Segundo Azevedo (2013) os autores Gagnebin e Santo Agostinho consideravam a infância como estado animalesco do homem, e nela devemos aprender a conter nossos extintos selvagens/primitivos, sendo as crianças desprovidas de razão. Este pensamento perdurou por muito tempo em diversas sociedades, uma vez que se tornou justificativa para os castigos físicos aplicados as crianças.

Para cada sociedade um tipo de infância, um modo particular de caracterizar e de lidar com ela, cujo inicio e fim é determinado socialmente pelos costumes e tradições de cada grupo social, como aponta Stearns (2006, p.12):

A infância pode apresentar variações impressionantes, de uma sociedade ou de um tempo a outro. Algumas sociedades admitem o trabalho da maior parte das crianças pequenas, e, com frequência, trabalho pesado. Outras sociedades ficam chocadas com esse tipo de violação da inocência e vulnerabilidade infantis. Para algumas sociedades as crianças deveriam ser felizes. Para outras, embora não defendendo infâncias felizes, essa preocupação parece estranha. Algumas sociedades admitem que grande parte das crianças pequenas morrerá, e tendo em vista esse fato organizam sua relação com a infância, incluindo a forma como discutem a morte com as crianças. Outras trabalham arduamente para prevenir a morte de crianças. Algumas sociedades acham os bebês encantadores, outras comparam-nos aos animais. Algumas sociedades aplicam rotineiramente disciplina física nas crianças, outras ficam chocadas com isso.

Ao discorrer sobre a forma como diversas sociedades em diferentes tempos lidaram com a infância e o modo de se relacionar com as crianças, Stearns (2006) em seu discurso indiretamente se remete a cultura, que segundo Severino (1994, p.81) “cultura é o conjunto dos objetos resultantes das atividades produtivas, sociais e simbólica dos homens”. Deste modo, a afirmativa de Stearns e Severino se completa, já que em outras palavras cultura agrega conhecimentos adquiridos e acumulados, repassados e mantidos por tradições; crenças ou práticas sociais de diferentes grupos humanos.

Nas sociedades agrícolas com a substituição da caça e coleta pela agricultura são observados adaptações no tratamento das crianças. A utilidade das crianças no trabalho foi redefinida, para Stearns (1994, p. 27) “a infância se tornou mais importante dentro da sociedade, tanto econômica quanto quantitativamente”. Se antes era vista como uma carga nas sociedades coletoras que se deslocavam constantemente em busca de alimento, nas sociedades agrícolas é vista como mais uma força de trabalho.

Nas sociedades agrícolas houve um crescente aumento da taxa de natalidade, a infância passa a ser elemento de identificação para as próprias crianças. Diferenças de *status* na infância e através da infância são notadas, a ostentação social através de adornos e vestes em crianças, além de vantagens nutricionais e a valorização do cuidado com as crianças. Já nas sociedades clássicas a

hierarquia da sociedade refletia na infância, separando-a em infância a ser educada e infância para o trabalho.

Na contemporaneidade o termo infância é bastante utilizado em todos os grupos sociais, seja esse termo usado para identificar a fase inicial do desenvolvimento humano ou para atribuir a um adulto de forma figurada determinado comportamento que julgam ser característico da infância como a imaturidade. Segundo Larousse (2009, p.451) a infância é o “Período da vida humana entre o nascimento e a puberdade” logo, ela possui início e fim? Mas o que marca o início da puberdade? É igual para todas as sociedades? O que a cultura tem a ver com isso?

A cultura tem um papel importante na compreensão da concepção de infância, pois ela molda as experiências e influencia significadamente no desenvolvimento das crianças, a exemplo, uma criança que vive as margens do Rio Guamá, na Ilha do Combu e outra que vive as margens do mesmo rio, mas na cidade, no caso Belém do Pará. Estas crianças possuem infâncias completamente diferentes e são permeadas por culturas diferentes.

A primeira criança acorda cedo às seis da manhã, se banha no rio, toma café da manhã e vai trabalhar, seja esse trabalho a coleta de frutos na mata ou a pesca de peixes no rio, ou até mesmo, a campina do mato da plantação de mandioca da família, a tarde pega a rabeta (pequena embarcação dos povos ribeirinhos da Amazônia) e se dirige a escola, que também fica as margens do rio, geralmente acompanhada por outras crianças da mesma idade e raramente são acompanhadas por algum adulto, já que quando vão para a escola já possuem idade suficiente para conduzir a pequena embarcação.

A segunda criança acorda cedo, se estuda pela manhã para ir à escola, vai para o banheiro, depois toma seu café da manhã, se arruma e vai caminhando para escola com seus pais ou algum adulto responsável. Depois que chega da escola, almoça, vê um pouco de televisão, brinca das mais variadas brincadeiras com seus amigos e dificilmente realiza algum trabalho para contribuir com o sustento da família.

A descrição acima ilustra o quanto a infância é moldada e influenciada pela cultura das sociedades. A primeira criança vive a cultura ribeirinha e a segunda a cultura dos centros urbanos. A primeira criança sabe ou foi ensinada que o trabalho de coleta e pesca é necessário a sua sobrevivência e de sua família e que só vai para escola quando completar determinada idade que a permita conduzir uma embarcação. Enquanto a segunda criança sabe ou foi ensinada pelas relações sociais que se estabelecem ao seu redor, que as crianças dos centros urbanos vão para escola antes mesmo de aprenderem a falar e que esse espaço é obrigatório a sua vida social e que as crianças não devem desenvolver trabalho algum para contribuir com o sustento da família.

Neste contexto, a cultura de cada povo ou no caso de cada criança desempenha um importante papel na forma como as crianças interpretam o mundo, e como são interpretadas pela sua própria cultura. Saviani (ano, p.256) afirma que “a criança é um ser situado”, pois ela já nasce em um meio humano, constituído de costumes, moral, religião, organização econômica e política, dentre outras estruturas e nesse meio a criança se adapta, e é influenciada, dependendo dele.

E por mais que essa criança seja um ser situado em estruturas pré-existentes e se adapte e dependa dessas estruturas em um primeiro momento, ela é um ser *consciente* que reflete esse mundo e assim como os demais atua e constrói estruturas. Para Vygotsky a cultura distinguiu os homens dos animais, uma vez que a espécie humana tem condições de criar e recriar seus instrumentos e capacidade de questionar os seus próprios hábitos e costumes, pois a cultura cria formas específicas de conduta.

Assim, para Vygotsky a criança interage simultaneamente com o mundo real em que vive com formas de organização do real construído pela cultura. Para ele, as crianças aprendem a utilizar instrumentos para pensar proporcionadas pela cultura, por meio de suas interações com parceiros mais habilitados.

No caso das crianças ribeirinhas e da cidade, uma peconha (instrumento utilizado para subir no açazeiro) não possui uma mesma significação, para criança ribeirinha a peconha é um instrumento que a auxilia na subida do açazeiro para apanhar os cachos de açaí, ela foi ensinada ou observou durante seu desenvolvimento que ao torcer uma folha de açazeiro e depois amarrá-lo e encaixá-lo aos pés, conseguirá subir com mais sucesso ao açazeiro. Já a criança da cidade pode considerar a peconha um brinquedo, pois esse objeto não faz parte de suas experiências pessoais nem tampouco ao grupo social que pertence.

Desta maneira, a cultura pode ser entendida como um conjunto de padrões de ação e interação simbólicas, que são constituídos e partilhados por um determinado grupo de pessoas que significam suas experiências e criam realidades, repassando esses padrões de geração a geração, seja de forma direta ou indireta.

Para que esse conjunto de padrões de ação e interações simbólicas seja passado de geração em geração, vamos nos remeter a teoria de Henri Wallon que fala sobre a interação da criança com o meio, para ele o meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Sendo a afetividade um fator importante na construção do conhecimento e da pessoa. Considera-se a afetividade o modo como o indivíduo vai experimentar o conjunto de fenômenos afetivos, sejam eles agradáveis ou desagradáveis e a partir dela é que o ser humano consegue estabelecer relações com outros seres e objetos.

Ainda na infância somos ensinados ou obrigados a controlar nossas emoções e conseqüentemente nossas atitudes, e partir da observação do comportamento do outro modelamos o nosso comportamento. Bandura (2008) ao estudar o comportamento, observou que as crianças em diversas culturas apresentam padrões de comportamento, atitudes e conhecimentos aprendidos e modificados pelos padrões dos adultos, assim a criança ao observar o comportamento do adulto passa a imitá-lo aprendendo assim novos comportamentos; costumes e maneira de ser.

Então, a infância é uma fase da vida humana ao qual os adultos julgam conhecer por ter passado por ela. Dependendo do contexto social a qual vivenciaram e dependendo da cultura do seu grupo social, para a maioria das sociedades as crianças são consideradas incapazes de cuidar-se,

seja pela imaturidade biológica, ou por imaturidade sentimental e intelectual. São considerados seres dependentes que necessitam do cuidado e proteção dos adultos.

Nesta perspectiva, a infância é construída social; historicamente e culturalmente, pois não há um modo único de conceber a infância. Logo, na dinâmica da organização social, diversos mecanismos ou ações foram pensados para a infância. Na sociedade contemporânea há uma preocupação maior em ofertar as crianças uma infância que oportunize o desenvolvimento integral do ser. O entretenimento, as brincadeiras; os brinquedos e as vestes são cuidadosamente pensados de acordo com a faixa etária de cada criança e suas características. Há uma maior fragmentação da infância, a exemplo, a forma como organizamos a educação infantil.

## CONCLUSÃO

Levando-se em consideração as construções da concepção de infância pelas sociedades, pode-se constatar que nem todas lidaram com a infância da mesma maneira e que essa concepção foi construída historicamente por cada sociedade. Neste contexto, a cultura presente em cada sociedade determina o tipo de infância que cada criança irá ter, já que através da cultura a criança significa o mundo a sua volta.

Para algumas sociedades a infância é o momento da vida que as brincadeiras, os jogos a imaginação são vivenciados com mais fervor, para outras o trabalho é o único intuito de sua ação, de sua existência. Ao realizar este estudo observaram-se contrastes em relação à infância, ora tratada com indiferença, ora exaltada como *status* social. Portanto, o modo de conceber a infância é particular de cada sociedade em cada tempo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Heloisa Oliveira de. **Educação infantil e formação de professores: para além da separação cuidar-educar**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013. pp. 19-68.

BANDURA, Albert. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MAHONEY, Abigail Alvarenga, ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Afetividade e o processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psic. da Ed., São Paulo, 20, 1º sem. De 2005, pp. 11-30.

SAVIANI, Dermeval. **Infância e pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia da educação: Construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

SIRGADO, Angel Pino. **O social e o cultural na obra de Vygotsky**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006. – Coleção História mundial.